



**Manejo Agroecológico da Rainha da Floresta (*Psychotria viridis* Ruiz & Pav.)
na Ecovila Tarumim, São José de Ribamar – MA.**
*Agroecological Management of Forest's Queen (*Psychotria viridis* Ruiz & Pav.) in the
Ecovillage Tarumim, São José de Ribamar – MA.*

ROLIM, Tandy¹; DINIZ, Nahor²; FERREIRA, Josewania³; MONTELES, Ricardo⁴
¹ UEMA, tandy.loyola@hotmail.com; ² UEMA, nahordiniz@hotmail.com ; ³ UEMA,
wania.cferreira@gmail.com; ⁴ UFMA, caapi.pinima@gmail.com.

**Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e
Comunidades Tradicionais.**

Resumo: O Brasil, território de dimensões continentais, abriga um universo de tradições ancestrais. À sombra de portentosas árvores, grupos amazônicos, há séculos se reúnem com propósito de tomar *ayahuasca*, uma bebida psicoativa, utilizada pelas pessoas para entrar em contato espiritual com as forças da natureza, com os espíritos de cura, das águas, da caça, assim como toda uma sabedoria ancestral elaborada através da experiência de contato íntimo com a natureza, o que teria legado aos povos da floresta, uma herança fundamentalmente agroflorestal, conectada ao uso, manejo e cultivo da agrobiodiversidade amazônica (Mortimer, 2001). Esta comunicação corresponde a um relato inicial a respeito de uma experiência inicial de manejo agroecológico com um arbusto amazônico da família *Rubiaceae*, conhecido na tradição cultural e religiosa do Santo Daime como Rainha da Floresta. Em meio a experiência de cultivo, o estudo foi realizado a partir da constatação empírica de que a planta amazônica em questão carece de cuidados específicos, sobretudo quanto às variáveis ecológicas “umidade” e “sombreamento”. Em termos metodológicos, executamos a princípio uma abordagem qualitativa, nutrida pela observação experiencial das práticas de manejo empregadas a fim de relatar as condições de manejo empregadas/adotadas, a fim de relatar as condições de realização do cultivo e alguns resultados preliminares a respeito do manejo e cultivo agroecológico de plantas psicoativas amazônicas, consideradas sagradas no contexto das tradições brasileiras da ayahuasca, a exemplo do Daime. Os resultados preliminares apontam para o caráter positivo do manejo de “rainha”, em consórcio com bananeiras das variedades “prata” e “roxa”.

Palavras-Chave: Manejo; Rainha; Agrofloresta; Daime.

Keywords: Management; Queen; Agroforestry; Daime.

Contexto

Este relato de experiência visa descrever um sistema de manejo da amazônica Rainha da Floresta/Chacrona em consórcio com bananeiras, num contexto de implantação de uma pequena agrofloresta na Ecovila Tarumim por onde corre as águas de um brejo que circunda o território, situada em uma região ecotonal na zona periurbana da litorânea cidade de São José de Ribamar, norte do Maranhão. A chacrona, que compõe O Santo Daime, também conhecido em outras tradições amazônicas como ayahuasca, juntamente ao cipó *Banisteriopsis caapi* (Spruce ex Griseb. C.V. Morton), necessita de um ambiente úmido e, com certa diversidade de plantas que possam lhe



servir de “companheiras”, proporcionando microclimas favoráveis para que se processe seu ciclo de vida.

Com o intuito de viabilizar maior autonomia ao processo produtivo, que é um dos objetivos de organizações que aglomeram um contingente significativo de pessoas, como é o caso dos templos religiosos que utilizam ayahuasca em seus rituais, como O Santo Daime, percebemos o manejo agroflorestal, como uma fonte de saber empírico culturalmente circular no contexto das diversas tradições da ayahuasca.

O Daime é um movimento religioso concebido na Amazônia, durante o segundo ciclo da borracha por um maranhense, que se estabelece no Acre, onde passa a ter contato com uma tradição cabocla/*mestiza* de uso e sacralização de duas plantas amazônicas que conjuntamente preparadas, em ritual, resultava numa bebida fortemente psicoativa, conhecida como ayahuasca. No contexto das comunidades daimistas, percebe-se a importância dada a natureza, e sobretudo a bebida preparada por meio de plantas amazônicas. O Daime como uma instituição religiosa é considerado uma doutrina, assim como uma escola espiritual. É comum que circule/permeie entre a irmandade, uma diversidade de saberes e práticas, incluindo aquelas associadas ao manejo e cultivo das plantas sagradas em contexto ecológico e agroflorestal.

A Rainha da Floresta assim como seu parente da família Rubiácea, o cafeeiro é, originalmente, uma planta sensível à exposição de luz solar. Nessas plantas, o mecanismo de fotodegradação do hormônio vegetal de crescimento é mais severo do que em outras. O AIA - ácido indolilacético é responsável pelo crescimento das folhas e ramos de todas as plantas, mas é degradado pela luz, a ponto de um lado do ramo que recebe luz ficar atrofiado e o lado oposto crescer, fazendo o ramo envergar no sentido da luz, dando impressão que planta está procurando luz. Quando a luminosidade é mais forte do que o ótimo da planta, esta passa a exibir folhas com menor porte do que aquelas folhas produzidas em condições normais de crescimento e equilíbrio solar. Outras características decorrentes da exposição solar excessiva são esmaecimento do verde das folhas, seguido de atrofiamento de ramos e diminuição gradual dos entrenós dos galhos, síndrome conhecida pelos agrônomos como enfezamento. A deficiência de zinco causa o mesmo sintoma, pois o zinco está ligado à síntese de um aminoácido, o triptofano, que é precursor metabólico do hormônio AIA (CORRÊA et al, 2007).

O Reinado (área de cultivo de plantas sagradas amazônicas) fica prejudicado se não for sombreado a contento. Qualquer sombreamento é válido, desde que não ultrapasse a 50% de sombra, pois sob sombra em excesso, a planta poderá ficar alta, com galhos longos e com poucas folhas. O plantio de bananeiras para sombreamento é uma prática interessante (CORRÊA et al, 2007).

Descrição da Experiência



Ao empregar o consórcio de culturas em uma determinada área, é importante que ambas possam promover um verdadeiro nicho ecológico. A escolha da cultura que irá acompanhar a Rainha da Floresta é de extrema importância, tendo em vista que é exatamente a cultura companheira quem irá proporcionar para o sistema um microclima favorável.

Para esta experiência, foi realizada limpeza da área, com dimensão de 30m x 10m, onde foi iniciado o consórcio em questão, de espaçamento 2m entre plantas e 2m entre linhas de Rainha. Posteriormente a coleta e limpeza de possíveis “brocas” nos rizomas de bananeiras das variedades prata e roxa (Figura 1 A / B), adquiridas a partir de contato previamente estabelecido com uma família ligada a tradição daimista, que mantém, nas adjacências da Ecovila Tarumim, uma pequena agroflorestal, onde estão implantadas mais de uma centena de pés de Chacrona, além de bananeiras de diversas variedades e uma diversidade de espécies de fruteiras cultivadas, tais como jambo, manga, romã, laranja, limão, ata, acerola, carambola, pitanga, mangaba, entre outras.

As bananeiras não seguiram padrão de plantio da cultura, pois a função no sistema é sombrear e gerar fitomassa, logo foram plantadas em áreas de maior incidência solar. Também foram transplantadas mudas de Rainha produzidas por estaquia. Foi feito o plantio da cultura principal e da cultura companheira (bananeira) nas leiras de plantio, que contaram com a presença de material vegetal resultante da limpeza do Reinado e das áreas de entorno, que foram picotados para reduzir o tempo de decomposição, aumentando gradualmente a atividade biológica do solo, a conservação da umidade e o fornecimento de cobertura morta.

O experimento iniciou em fevereiro de 2018, com a limpeza da capoeira e plantio de mudas de rainhas e continua em desenvolvimento. Manejos posteriores foram realizados para formação das leiras transversalmente ao declive do terreno para controle de erosão, assim como a realização do plantio de bananeiras, sendo 13 da variedade prata e duas roxas, somando-se a um quantitativo parcial de 23 pés de Rainha da Floresta. Deve-se ressaltar que a flora nativa que circunda o Reinado é bem diversa, levando em consideração as áreas de brejado onde predominam as juçaras, buritis, bicuíbas, entre outros assim como as terras firmes, com pés de murici, cajá, jatobá, etc.

A irrigação é feita por aspersão. Os aspersores foram manualmente instalados, e se encontram a uma altura aproximada de 50 cm do solo. Onde serão ajustados de acordo com o desenvolvimento das plantas, na próxima fase do experimento, com as plantas já mais altas, consiste em aumentar a altura dos aspersores para 1,5m, a fim de garantir uma irrigação integral das plantas, mimetizando a chuva, e criando assim, microclimas favoráveis ao desenvolvimento da incipiente e experiência agroecológica em desenvolvimento.

As plantas variaram de 0,4 m a 1 m de altura, tiveram divergências quanto a folhagem atingida, devido a incidência solar, a irrigação, uma vez que as que foram irrigadas



devidamente apresentaram desenvolvimento melhor com relação as que sofreram com seca, por problemas no sistema de irrigação. Como alternativa foram tomadas as providências de consertar a irrigação, seguido da implantação de bananeiras nas áreas de clareira.

A cobertura do solo proporciona controle da temperatura e do calor absorvido, gerando assim, material orgânico e enriquecimento da terra. As bananeiras conferem papel fundamental no sombreamento da Rainha, geram fitomassa e mantém umidade (Figura 2), fatores estes que são primordiais para os espécimes obterem um porte desejado e qualidade biológica nas folhas, que é o órgão de principal importância para apropriação cultural desta planta.

O feitiço do Daime, isto é, o ritual de preparação da bebida sagrada, é realizado de forma ritualística dentro da doutrina, por isso o manejo baseado nos princípios agroecológicos, que respeitam os ciclos ecológicos e sagrados da natureza, é empregado nos cultivos em questão, assim como buscar novas maneiras de relações sociais. Estes saberes empíricos são disseminados entre as pessoas que chegam às igrejas, interessam-se e dão atenção para estes conhecimentos corporificados na ingestão desta sagrada bebida, de caráter holístico e ecológico. As comunidades ligadas à tradição “ayahuasqueira” podem ser consideradas um centro de ecologia do ser, integrando homem e natureza em um só.



Figura 1 A/B. Rizomas das bananeiras plantadas na Ecovila Tarumim em São José de Ribamar – MA. Fonte: Autoral



Figura 2. Manejo das mudas de banana na EcoVila Tarumim em São José de Ribamar - MA
Fonte: LOBO, A. 2019.

Resultados

Nesta experiência estamos evidenciando que o consórcio da bananeira com a Rainha da Floresta vem dando certo e trazendo bons resultados no que diz respeito à simbiose e ciclos observados até então nas culturas. A bananeira foi escolhida por vários motivos, dentre eles, proporcionar um ambiente úmido, um dos fatores que torna uma convivência agradável para com a cultura principal e reduz o uso da irrigação, assim como o custo, logo economia de água.

O sombreamento e a fitomassa produzida também são fatores que influenciam no bom desenvolvimento da Rainha, estabelecida no estrato inferior do sistema produzindo mais folhas e um porte mais frondoso. O uso de agrotóxicos é vetado nesta prática, buscando alternativas agroecológicas para o controle de insetos e patógenos que possam interferir na sanidade e no desenvolvimento das plantas; cuidados estes que se estendem ao manejo integral do sistema, pois uma planta bem nutrida passa a resistir naturalmente à ocorrência de insetos e patógenos.

Agradecimentos



Primeiramente a Deus nas alturas e à Rainha da Floresta, ao Mestre Império Juramidam e a todos os seres de luz. A direção das igrejas Céu das Águas Claras (CAC) e Centro de Iluminação Cristã Estrela Brilhante (CICEBRIS). A toda irmandade que esteve e está direta ou indiretamente ligada a realização das atividades e a conformação da Ecovila Tarumim, assim como a doutoranda em agroecologia, Vivian do Carmo Loch, ao Italo Aquino, Fábio Jardim e André Bandeira que contribuíram com detalhes de grande valor. À Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) pelo apoio acadêmico.

Referências bibliográficas

MORTIMER, Lúcio. **Nosso Senhor Aparecido na Floresta**. São Paulo-SP. Céu de Maria. 2001

CORRÊA, Maria Alice [et al]. **Manual de plantio de Mariri e Chacrona**. Ubá-MG. UDV 12ª Região. 2007.

JUNIOR, Júlio César. **Manual Prático Para o Plantio Mariri e Chacrona**. Patrocínio-MG. UDV OU DAV.